

FREUD E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

*Tiago Ribeiro Nunes **

*Tania Rivera ***

RESUMO:

Partindo do exame do mal-estar na civilização, neste ensaio os autores propõem que a sublimação, em Freud, seja compreendida menos como utilização das exigências pulsionais em benefício das intenções da cultura do que como imposição daquilo que existe de mais singular na experiência de um sujeito com a linguagem às formas já cristalizadas pela tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; Psicanálise; Cultura.

*Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás, Mestre em Letras e Linguística (UFG) e Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). Av. Dr. Lamartine P. De Avelar, nº 1120, Catalão/GO. CEP: 75704-020. Instituto de Biotecnologia, Bloco M, Sala 107. E-mail: ribeiro.nunes@gmail.com.

**Possui Mestrado e Doutorado em Psicologia pela Université Catholique de Louvain (1996) e Graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília (1991). Pós-Doutorado em Artes Visuais na EBA – UFRJ (2006). Foi professora da Universidade de Brasília de 1998 a 2010 e atualmente é professora da Universidade Federal Fluminense. Atua nas áreas de teoria e clínica psicanalíticas e fundamentos e crítica das artes.

Culpa e Cultura

Desde as germinais correspondências a Fliess até o seu derradeiro *Moisés e o monoteísmo*, Freud interrogou-se repetidas vezes a respeito das consequências advindas ao corpo vivo em razão de sua original e irremediável submissão às injunções culturais. Ainda antes de fundar a psicanálise, o jovem médico vienense parecia suspeitar que o processo por meio do qual o homem se constitui enquanto tal não estava livre de contratempos. Caso contrário, como explicar a singular independência das “doenças nervosas” em relação aos determinantes orgânicos? Motivado pelas pesquisas empreendidas durante a segunda metade da década de 1880 e ao longo da década seguinte, Freud não tardaria a concluir que, instalado na cultura, o homem não apenas não pôs fim ao seu desamparo como passou a ser acometido por uma outra modalidade de sofrimento: o mal-estar na civilização.

Definido inicialmente enquanto subproduto do antagonismo entre as exigências do corpo vivo e as restrições impostas a ele pela cultura, o mal-estar na civilização ganharia novo contorno após a descoberta do fundamento pulsional do supereu. Assim, muito embora a subversão dos protocolos instintuais tenha feito com que, para o animal falante que o homem se tornou, já não exista mais qualquer tipo de “(...) harmonia pré-estabelecida entre o objeto e a tendência” (LACAN, 1995, p. 60), a simples posse de um desejo sempre cambiante não constitui, por si só, seu principal estorvo. Não é tampouco a coerção que a civilização exerce sobre a vontade, pura e simplesmente, a causa maior de sua desdita. À subversão dos protocolos instintuais e ao sequestro da vontade acrescenta-se ainda o assédio implacável do sentimento de culpa: poderosa expressão “(...) do conflito de ambivalência, da luta entre Eros e o impulso de destruição ou de morte” (FREUD, 1930/2010, p.161). Movida pelo “(...) impulso erótico (...)”, a cultura somente poderia concretizar o objetivo de unir os homens entre si à custa de “(...) um fortalecimento cada vez maior do sentimento de culpa” (FREUD, 1930/2010, p. 105).

Esse paradoxo já havia sido demonstrado por Freud em seu “Totem e tabu” (FREUD, 1913/2011). Traçado o paralelo “crianças/homens primitivos” ele concluiria que, em ambos os casos, estariam presentes relações ambivalentes de amor e de ódio: do homem primevo em relação ao seu totem; do infante em relação ao seu genitor. Tal como o inventor da psicanálise argumenta, o arrependimento que retorna sobre aqueles que perpetraram o crime ancestral:

foi o resultado da primitiva ambivalência de sentimentos em relação ao pai, pois os filhos o odiavam, mas também o amavam; depois que o ódio foi satisfeito por meio da agressão, o amor se manifestou no arrependimento pelo ato, instituiu o supereu por meio da identificação com o pai, conferiu-lhe o poder do pai, como que numa punição pelo ato agressivo cometido contra ele, e criou as restrições que deveriam impedir uma repetição do ato. E visto que a tendência agressiva em relação ao pai se repetiu nas gerações seguintes, o sentimento de culpa continuou existindo e se reforçou de novo por meio de cada agressão reprimida e transferida ao supereu (FREUD, 1930/2010, p. 160).

Se permite aos filhos realizarem, em conjunto, aquilo que seria impossível individualmente, o levante contra a ditadura imposta pelo pai primevo terminaria desencadeando um efeito inesperado: longe de liberar as vias de acesso ao gozo irrestrito, o crime teria feito emergir o sentimento de culpa. No mito freudiano, em lugar de desfrutarem de modo ilimitado das mulheres os filhos teriam aberto mão de tal possibilidade em nome de um acordo comum. Por meio desse acordo, “o homem aculturado trocou uma parcela de possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1930/2010, p. 130). Firmado o pacto comum baseado na exogamia, no tabu ao incesto e na tentativa de normatização do desejo, estariam preservados de ser, também eles, vítimas do mesmo crime cometido contra o pai. Em memória do gesto proscrito, o pai teria passado a ser cultuado sob a forma do animal totêmico pelas gerações subsequentes em um ritual totalmente baseado na rememoração desse ato arcaico de violência: a festa antiga constitui a reedição do crime perpetrado contra o pai primevo; o banquete totêmico lembraria aos filhos e aos seus descendentes o pai que fora morto e em seguida devorado por eles. Por meio desse ritual se reforçariam o pacto comum e os laços simbolicamente instituídos entre os irmãos.

Com o crime e a lei começava o homem (LACAN, 1998). Este parece ser todo o mistério: o pai amado/odiado, morto e devorado pelos filhos, ressurgiria em seguida sob a forma imperativa da lei. O sentimento de culpa (decorrente do ato criminoso cometido contra o pai da horda) passaria então a ser universalmente compartilhado pelas gerações posteriores e o gesto que deveria abrir as portas para o gozo irrestrito terminaria por interditar, de modo inflexível, a satisfação visada. Segundo Lacan, o assassinato do pai animalesco:

não abre a via para o gozo que sua presença era suposta interditar, mas (...) reforça sua interdição. Tudo está aí, e é justamente isso, tanto no fato quanto na explicação, a falha. O obstáculo sendo exterminado sob a forma do assassinato, nem por isso o gozo deixa de permanecer interditado, e ainda mais, essa interdição é reforçada (LACAN, 1988, p. 216).

Morto ele retorna sob a forma da lei – mais abrangente e eficaz em seu intuito de coação do que a força física, derrotada pelo conjunto dos filhos. Transcrito em termos antropológicos, o complexo de Édipo (identificado por Freud a partir de dados clínicos) seria o operador formal dessa passagem da natureza à civilização que deve se repetir em cada caso individual. Por meio dele se realizaria, em cada caso, a adesão à comunidade simbólica regida pela lei paterna. Mesmo que sob a forma do mito, o recurso à antropologia permitira a Freud situar a antinomia entre os ideais civilizados e a felicidade plena. Além disso, utilizando-se desse recurso o inventor da psicanálise tratou de ressaltar – enquanto efeitos da interdição simbólica que incide sobre esse corpo – não apenas o distanciamento do organismo humano em relação à ordem natural, mas sobretudo a perda da complementaridade entre esse corpo regido pela linguagem e os objetos empíricos disponíveis para a sua satisfação. Uma vez submetido ao esquema do complexo de Édipo, o corpo vivo estaria pois marcado de modo irreversível pelo signo da falta.

Essa falta inscrita na carne pela lei do Édipo, a perda da complementaridade entre as necessidades e os objetos empíricos destinados a satisfazê-las, modificaria profundamente os esquemas primeiros de satisfação desse organismo agora integrado à ordem simbólica. Por isso Lacan dirá em tom conclusivo que “*todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas com uma outra satisfação [...] à qual elas podem faltar*” (LACAN, 1985a, p. 70, grifos do autor). Contaminadas por essa “uma outra satisfação”, as necessidades básicas do corpo vivo tornam-se algo bem diverso daquilo que foram antes que sobre ele incidisse a linguagem. Entretanto, fundada a partir da submissão do corpo a uma ordem que proscreeve o gozo irrestrito, a civilização implicaria ainda o advento de uma inédita modalidade de satisfação: o sintoma neurótico. Principalmente para o Freud de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010) e de *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1930/2010), esse sintoma testemunharia o fim da antinomia natural entre o prazer e o sofrimento na espécie humana: dissolvida tal antinomia, abre-se a possibilidade para que aquele corpo, anteriormente regulado pelo saber instintual, estivesse autorizado a satisfazer-se com aquilo que o arruína e pudesse agora sofrer com aquilo que, a priori, lhe faria bem. Por outro lado, promovida ao patamar de imperativo insaciável, a lei superegóica se tornará o paradigma dessa satisfação que floresce no sofrimento: obedecer às rigorosas injunções morais servirá apenas para intensificar o mal-estar, pois

a intensidade do sentimento de culpa que incide sobre um indivíduo em particular será tanto maior quanto maior for o seu zelo na guarda do mandamento moral (FREUD, 1930/2010). Repetir compulsivamente aquilo que o arruína, ainda que represente uma ameaça permanente à subsistência individual e coletiva e a despeito do esclarecimento trazido pela razão, será a um só tempo a paixão e o destino de cada homem.

A felicidade no Mal

Ainda em suas formulações iniciais acerca da etiologia da neurose, Freud (1908/1974) havia apontado o crescente incremento no rigor das restrições morais impostas à sexualidade como determinante para o expressivo aumento da ocorrência das doenças nervosas nos primeiros anos do século XX. Muito embora esse ponto de vista tenha tido que ser posteriormente revisto e melhor formulado (sobretudo em decorrência do surgimento de novos impasses clínicos que passaram a desafiá-lo), não se pode desconsiderar o fato de que ele serviu inicialmente como estratégia coerente para explicar a origem do sintoma neurótico. Ao longo de sua obra, ficará cada vez mais claro que era precisamente a frustração da satisfação dos impulsos (imposta ao corpo pela cultura) aquilo que os neuróticos não toleravam. Apoiado então em novas evidências clínicas, o inventor da psicanálise seria levado a concluir que os neuróticos, “em seus sintomas, [...] criam para si satisfações substitutivas, as quais, porém, produzem sofrimento por si mesmas ou se tornam fontes de sofrimento ao lhes causar dificuldades com o mundo circundante e com a sociedade” (FREUD, 1930/2010, p. 116).

Essa retificação não significou, porém, o abandono do ponto de vista a partir do qual ele articulava inicialmente os sintomas neuróticos às restrições impostas pela cultura, mas sua ampliação necessária. Em decorrência de tal ampliação, tornou-se possível compreender a anterioridade e a prevalência no psiquismo da chamada compulsão à repetição em relação ao que Freud havia designado como a ordem do princípio do prazer (FREUD, 1920/2010). Coagido pelas exigências da cultura, o corpo encontrará satisfação nos sintomas neuróticos: satisfação sempre paradoxal pois, conforme Freud a compreende, ela não obedece ao protocolo do princípio do prazer (que visa manter o organismo protegido do desprazer produzido nele pelo aumento das quantidades de estimulação provindas de fontes internas ou externas). Neste ponto residiria provavelmente a principal dificuldade no caminho da civilização. Pois embora

ela tenha se originado da submissão do corpo vivo às normativas simbólicas, embora seu surgimento tenha dependido necessariamente da passagem dos interesses individuais aos da comunidade, “as paixões” determinadas pelas pulsões revelar-se-iam “mais fortes do que os interesses racionais” (FREUD, 1930/2010, p. 125). A existência de uma felicidade no Mal consiste provavelmente na afirmação mais decisiva de que a tendência dominante do psiquismo não está orientada para o bem-estar. Prova disso é a compulsão à repetição, por meio da qual impõe-se insistentemente ao organismo vivo o retorno ao inanimado (FREUD, 1920/2010). Em função dessa devastadora tendência de fazer retornar os componentes pulsionais recalcados sob a forma dos sintomas e também em decorrência da hostilidade primária dos homens entre si, “a sociedade aculturada [estaria] constantemente ameaçada pela ruína” (FREUD, 1930/2010, p. 125). Por esse motivo Freud será levado a concluir que “além do impulso de conservar a substância vivente e aglomerá-la em unidades sempre maiores, deveria existir um outro que lhe fosse oposto, que se esforça por dissolver essas unidades e reduzi-las ao estado primordial, inorgânico” (FREUD, 1930/2010, p. 136).

Isso explicaria, em parte, a diferença de tonalidade discursiva entre dois textos tão próximos do ponto de vista temporal quanto *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927/2010) e *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1930/2010), pois:

se em 1927 Freud ainda apresentava um entusiasmo com relação à ciência e sua capacidade superior à da religião de descrever a realidade e de oferecer uma técnica de vida mais saudável, agora – não por acaso já com 73 anos, após uma longa doença e em meio ao recrudescimento do nacionalismo nazista – ele retoma sua teoria do impulso de morte/destruição e mostra a ciência como sendo tão ilusória quanto a religião (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 22).

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud apresentava-se convicto de que, convocada para responder às questões fundamentais da existência humana, a religião nunca havia feito mais do que envolvê-las em uma aura de mistério. Além disso, do ponto de vista da organização social, as doutrinas religiosas pareciam a ele nunca terem sido capazes de fazer com que o homem abandonasse definitivamente seus impulsos destrutivos em prol da plena aceitação dos preceitos morais propostos por elas. Sendo assim, as religiões parecem ter falhado duplamente: em primeiro lugar, por nunca haverem proporcionado nenhuma ajuda efetiva na elucidação e no entendimento mais completo do homem; em segundo lugar, por terem sido incapazes de estabelecer um modo de organização social totalmente moral, como prova incontestável de seu domínio sobre

impulsos violentos e as demais tendências destrutivas. Freud pretendia com isso demonstrar que, se há alguma coisa capaz de fazer homens melhores, se existe algo eficiente para amenizar o desamparo desse mesmo homem frente à natureza e a seu destino sempre incerto, esse algo definitivamente não seria a religião, mas certamente a ciência. Evidentemente, supunha ele, o homem estaria mais seguro para superar suas angústias e sua impotência se, abrindo mão do ineficiente misticismo religioso, decidisse buscar refúgio na luminosidade que irradia do saber científico. De acordo com essa perspectiva, a ciência deveria ser capaz de aliviar o homem ao lhe permitir superar, ainda que parcialmente, seu desamparo. Entretanto, em oposição ao otimismo característico do “espírito das luzes” estão as conclusões às quais ele chegará sobretudo no notável texto de 1930: despedida derradeira da crença na plenitude da razão. As evidências de sua clínica e de seu contexto histórico (juntamente com as reflexões teóricas delas decorrentes) demonstravam, de modo irrefutável, que não há nada capaz de redimir o homem ou salvá-lo de sua condição. Afinal, o que mais se poderia esperar da razão após a constatação de que toda pulsão é, em última instância, pulsão de morte (FREUD, 1920/2010)? Como seria possível manter-se otimista e crente na plenitude do saber produzido por ela depois de descobrir que "os horrores de que somos feitos são tanto mais perenes quanto são, para nós, irresistíveis" (COLI, 1996, p. 312)? As virtudes da razão esbarram na descoberta da prevalência da pulsão de morte sobre aquela de autopreservação: objeção veemente dos ideais morais e civilizatórios.

Se os sintomas neuróticos puderam ser definidos por Freud como formas substitutivas de satisfação, isso se deve ao fato de que aquelas exigências primordialmente recalcadas, tais como a agressividade ou o desejo incestuoso, permaneciam operando e produzindo efeitos sobre o corpo vivo. Contra tais impulsos, a cultura parece haver conseguido apenas uma vitória parcial (FREUD, 1930/2010). Em decorrência disso, dados os obstáculos em seu caminho, o sucesso do empreendimento cultural estaria fadado a ser sempre parcial: em primeiro lugar, pelo fato de que “a lei não alcança[ria] as expressões mais cautelosas e sutis da agressão humana” (FREUD, 1930/2010, p. 125); por outra parte, em razão de que, a fim de neutralizar tal agressividade, “a agressão [teria de ser] introjetada, interiorizada, [...] mandada de volta à sua origem; portanto dirigida contra o próprio eu” (FREUD, 1930/2010, p. 144). Ora, se é sobre essa base que a cultura se assenta, as dificuldades em seu caminho parecem ser tão grandes “que nenhuma tentativa de reforma [parece] capaz de resolvê-las” (FREUD, 1930/2010, p. 131). Considerando que

o primeiro êxito cultural foi o fato de que mesmo um grande número de seres humanos pôde permanecer em comunidade. E visto que duas grandes potências [o amor e a necessidade] agiram em conjunto para tanto, seria de se esperar que o desenvolvimento subsequente se realizasse sem percalços, tanto no sentido de um domínio sempre melhor sobre o mundo exterior, quanto no da ampliação continuada do número de seres humanos abrangidos pela comunidade. Tampouco é fácil compreender de que outro modo essa cultura poderia agir sobre seus membros senão tornando-os felizes (FREUD, 1930/2010, p. 106).

Entretanto, apesar dos extraordinários progressos feitos nas últimas gerações ajudando a consolidar “o domínio sobre a natureza de uma forma impensável no passado”:

os seres humanos [...] acreditam ter percebido que essa recém-adquirida disposição sobre o espaço e o tempo, essa sujeição das forças naturais, a realização de um anseio milenar, não eleva o grau de satisfação prazerosa que esperam da vida, que essa disposição sobre o espaço e o tempo não os tornou, segundo suas impressões, mais felizes (FREUD, 1930/2010, p. 83-84).

E se é verdade que foi por meio da cultura que (afastando-se de seu passado animal) o homem conseguiu proteger-se de modo mais eficiente em relação à natureza e estabelecer os códigos que regulamentariam as relações humanas, é também verdadeiro que ao sofrimento que lhe advinha inicialmente do poder superior da natureza e da fragilidade do corpo próprio acrescentou-se-lhe ainda um outro, relativo à “deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 1930/2010, p. 80). O paradoxo freudiano concernente à vida em sociedade poderia ser assim resumido: ao mesmo tempo em que a cultura (e todas as restrições que ela comporta no tocante às liberdades individuais) fornece as condições mínimas para que o homem possa superar uma parte significativa das ameaças do mundo natural, ao impor inúmeras e severas obrigações morais ao homem ela acaba inevitavelmente produzindo mal-estar. Longe de supor a cultura enquanto um local pacífico e harmônico onde o homem se instalaria confortavelmente, Freud aponta, desde seus primeiros escritos, para o seu caráter problemático. Se a civilização deve ser reconhecida como um ganho, ela deve também igualmente ser reconhecida como fonte de uma outra ordem de problemas: isso porque as injunções e as normas que lhe dão corpo são rigorosamente “irrealizáveis” (LACAN, 1988).

Psicanálise anti-cultural?

Ainda em *O mal-estar na cultura*, Freud argumenta:

conforme aprendemos, os sintomas das neuroses são essencialmente satisfações substitutivas para desejos sexuais não realizados. No decorrer do trabalho analítico, aprendemos, para nossa surpresa, que talvez toda neurose encubra uma quantia de sentimento inconsciente de culpa que, por sua vez, fortalece os sintomas ao ser empregado na punição. Agora é fácil formular a seguinte tese: quando uma tendência impulsional sucumbe ao recalçamento, seus elementos libidinais se convertem em sintoma, e seus componentes agressivos, em sentimento de culpa (FREUD, 1930/2010, p. 172).

Assim considerada, a agressividade superegóica representaria o principal motivador do mal-estar na cultura. Por isso dirá Freud: “somos obrigados com muita frequência a combater o supereu com intenção terapêutica, e nos esforçamos em reduzir as suas exigências” (Freud, 1930/2010, p. 179). No limite, portanto, uma experiência com a psicanálise deveria produzir, entre outras coisas, um relativo enfraquecimento dos imperativos superegóicos. Em nenhum momento desse texto Freud mencionará, entretanto, a dissolução do sentimento de culpa ou o desaparecimento definitivo dos sintomas. Isso se deve ao fato de que tanto o primeiro quanto o segundo são consequências inevitáveis (e igualmente irremediáveis) da submissão do corpo vivo à exigência da civilização. Por outro lado, não escapa à atenção de Freud que o supereu, exatamente por encarnar a forma absoluta da lei, é tão insaciável em suas exigências quanto a própria pulsão. Não por acaso ele afirmaria ser o sentimento de culpa “o problema mais importante no desenvolvimento da cultura” (FREUD, 1930/2010, p. 163). Um supereu imperativo, espécie de mandamento pulsional: parece ser essa a descoberta mais significativa feita por Freud a esse respeito:

cada renúncia [à pulsão] se transforma então numa fonte dinâmica da consciência moral, cada nova renúncia aumenta sua severidade e sua intolerância, e, se pudéssemos harmonizar isso melhor com a história que conhecemos da origem da consciência moral, estaríamos tentados a nos declarar partidários da seguinte tese paradoxal: a consciência moral é o resultado da renúncia [à pulsão]; ou: a renúncia [às pulsões] (que nos é imposta de fora) cria a consciência moral, que então exige mais e mais renúncias. (FREUD, 1930/2010, p. 154)

O mandamento moral revela-se assim, paradoxalmente, uma fonte insaciável de exigência: em relação ao supereu, todo indivíduo, por mais virtuoso e obediente, será sempre considerado em falta. Disso resultaria que o imperativo superegóico pudesse ser posteriormente definido por Lacan como um imperativo de gozo: “o superego é o

imperativo do gozo – Goza!” (LACAN, 1985b, p. 10). Tal como observou Miller, esse imperativo de gozo não tem nenhum compromisso com o bem-estar: “o bem que está além do bem-estar, que pode fazer mal é o que Lacan chamou gozo, que não dá necessariamente o prazer e implica uma ética” (MILLER, 1997, p. 118). Na realidade o gozo, tal como ele foi definido por Lacan, representa uma fonte permanente de mal-estar à qual o sujeito encontra-se vinculado em um nível mais primordial do que aquele do princípio do prazer. Assim formalizado, o “gozo” expressa, de modo original, o seguinte paradoxo descoberto por Freud: implicado no sintoma, o sujeito “não quer ser curado e, mesmo com o sofrimento que o sintoma causa, encontra satisfação” (MILLER, 1997, p. 118). Freud, por sua vez, invocaria a “revisão dos imperativos culturais”, entre os quais se encontram as exigências superegóicas (FREUD, 1930/2010), como possibilidade de reposicionar o sujeito frente a esse mal-estar imperativo. No entanto, apesar de sugerir a necessidade de revisão dos imperativos culturais, Freud não chega a definir claramente em que consistiria tal processo de revisão ou qual seria o resultado final desse empreendimento.

Acreditamos porém que, muito embora ele não o tenha formalizado explicitamente, existe ao menos uma indicação acerca daquilo que poderiam ser as consequências de um tal processo de revisão. E é precisamente quando discute a questão da criação artística que Freud mais se aproxima de propor um encaminhamento possível para as consequências advindas da entrada do corpo vivo na ordem cultural. Recorrendo a uma passagem de *Escritores criativos e devaneio* (FREUD, 1908/1974), Vladimir Safatle definirá esse processo de revisão dos imperativos culturais como um “saber passar da particularidade do fantasma à universalidade da obra”, em decorrência do qual “o trabalho psicanalítico [encontraria] seu termo” (SAFATLE, 2005, p. 271). Mas de que outro modo se articulariam a passagem da particularidade à universalidade senão no seguinte ponto: a obra seria uma forma de afirmar um modo singular de satisfação, não necessariamente pela confirmação ou pela subversão dos imperativos aos quais o sujeito encontra-se identificado, mas na sutil transformação daquilo que se impõe a ele naquilo que ele impõe de volta à cultura.

Tratar-se-ia portanto não de uma fidelidade irrestrita nem tampouco de recurso ao crime ou à transgressão gratuita, mas de uma reconfiguração do campo subjetivo e da assunção por um sujeito de seu destino como uma escolha sua. Resultaria dessa reconfiguração, o advento de um modo novo e particular de lidar com a tragicidade da própria existência. Essa concepção modificaria substancialmente o sentido do conceito

freudiano de sublimação: menos do que a utilização das exigências pulsionais em benefício das intenções da cultura, a sublimação deveria ser lida enquanto a imposição daquilo que existe de mais particular na experiência de um sujeito com a linguagem às formas já cristalizadas pela tradição. Decorre disso que a sublimação, definida inicialmente enquanto dispositivo de reconciliação com a sociedade, passe a ser pensada como esforço permanente de transformação.

Referências

COLI, J. O sono da razão produz monstros. Em A. Novaes (Org.), *A crise da razão* (pp. 301-312). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREUD, S. (1974). Carta 64. Em *Obras Psicológicas Completas* (Trad. J. Salomão). Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas* de Sigmund Freud (v. 1, p. 343-344). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897).

_____. (1974). Rascunho N. Em *Obras Psicológicas Completas* (Trad. J. Salomão). Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas* de Sigmund Freud (v. 1, p. 344-345). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897).

_____. (1974). Carta 73. Em *Obras Psicológicas Completas* (Trad. J. Salomão). Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas* de Sigmund Freud (v. 1, p. 360-361). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897).

_____. (1974). Moisés e o monoteísmo. Em *Obras Psicológicas Completas* (Trad. J. Salomão). Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas* de Sigmund Freud (v. 23, p. 11-161). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1939).

_____. (2012). Totem e tabu. Em *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (Trad. Paulo César Souza) (v.11, p.13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1913).

_____. (2010). Além do princípio do prazer. Em História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (Trad. Paulo César Souza) (vol.14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1920).

_____. (2010). *O futuro de uma ilusão* (Trad. Renato Zwick). Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1927).

_____. (2010). *O mal-estar na cultura* (Trad. Renato Zwick). Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1930).

LACAN, J. (1985a). O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a. (Original publicado em 1964).

_____. (1985b). O seminário: livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1972).

_____. O seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Original publicado em 1957).

MILLER, J-A. Lacan elucidado: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FREUD'S CIVILIZATION AND ITS DISCONTENTS

ABSTRACT:

Starting on the civilization and its discontents, in this essay the authors proposes to understand the freudian sublimation as the imposition of the most singular experience over the petrified tradition.

KEYWORDS: Freud; Psychoanalysis; Civilization.

FREUD ET LE MALAISE DANS LA CULTURE

RÉSUMÉ:

De l'examen du malaise dans la civilisation , dans cet essai , les auteurs proposent que la sublimation chez Freud est moins compris que l'utilisation des exigences pulsionnelles au profit des intentions de culture que comme l'imposition de ce qui est le plus unique dans l'expérience d'un sous réserve de la langue aux formes déjà cristallisé par tradition.

MOTS-CLÉS: Freud ; la psychanalyse ; Culture .

Recebido em: 10-01-2016

Aprovado em: 08-04-2016

©2016 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista